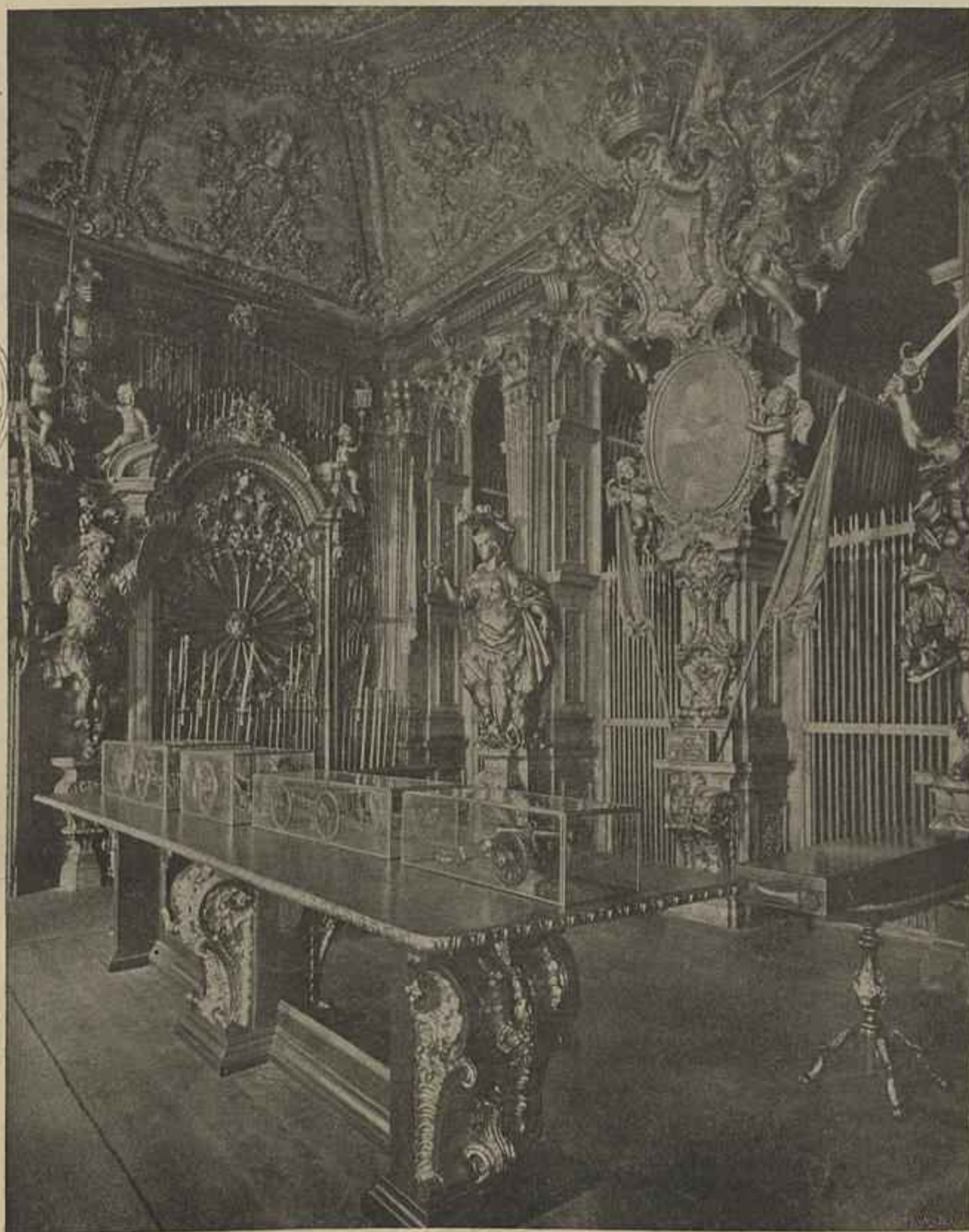


OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim.	N.º	28.º Anno — XXVIII Volume — N.º 937	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Fogo Novo, entrada pela T. do Convento da Jesus, 4 Typ. Ferreira & Oliveira, Lda — Rua d'Alegria, 100
	36 n.ºs	18 n.ºs	9 n.ºs	à entrega		
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120	10 DE JANEIRO DE 1905	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos à administração da Empresa do Ocidente, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—		
Extrang. (união geral dos correios)	5\$000	2\$500	—	—		



MUSEU DE ARTILHARIA — SALA EL-REI D. JOSÉ I
Photographia do sr. A. Bobone

Chronica Occidental

Com o céu muito azul e vento galerno entrámos no anno novo. Foi caso para se darem boas festas de rostos mais alegres e com maior sinceridade, porque não ha para se desejar o bem dos outros como andar de coração contente e espirito desannuviado.

Ha muitos annos que não mostrava o nosso paiz tanta confiança no futuro como agora, depois da ultima viagem dos reis portuguezes a Inglaterra e a França. Não é, está visto, para cruzarem-se os braços e esperar, como dizem os francezes, que as codornizes nos caiam, assadinhas e temperadas, nas boccas abertas. Mas o esforço exigido é menor, e as alianças vigorando agora mais estreitas não serão muletas emprestadas por alto favor a um derrancado das pernas.

O bilhete postal illustrado esteve mais do que nunca em voga, em substituição do frio bilhete de visita, que um *b f* curto ainda mais frio tornava. Bilhetes de fantasia, bilhetes com retratos, bilhetes com paisagens, tudo o que se tem inventado para maior riqueza dos correios, carregou estes dias os carteiros, únicos que teem razões de queixa e que ao principio, já prevendo o que para elles devia ser uma praga, esfregavam as mãos, quando viam as actrizes e as meninas bonitas de rostos esmurçados e sujos pelo carimbo official.

O bilhete postal tornou-se depois de tal modo importante, que, aos centenares se contam hoje os colleccionadores e a elle se dedicam especialmente não sei quantas publicações. De todos os paizes do mundo surgem pedidos de trocas e japonezes, laponios, patagões e philippinos tratam-se por amigos desde que a moda se estabeleceu.

Não é das peores, vamos com Deus, e os philatelistas, não tinham maior razão de ser.

Lindas ferias gosaram os rapazes, e foi cheios de saudades de luz e de bom ar respirado á farta, que no dia 9 voltaram para as aulas escuras, onde se accumulam junto das carteiras ouvindo prelecções que afinal os interessam muito pouco.

Os dias teem sido maravilhosos, apezar de agoreros presagios não sei de que sabio da Hespanha que veio substituir o famoso saragoçano. Manhãs, dias, tardes, noites, o céu tem-se mostrado sempre sem uma nuvem a perturbar-lhe a nitidez do azul.

Os campos sorriem com seus trigos e favaes muito bem nascidos a que as geadas nada teem prejudicado. Apenas os pastos e que ainda requebrem mais alguma gota d'agua. Tudo respira alegria; uns haustos de ar dão saude.

Continuue assim o anno e fechará com chave de ouro, melhor do que esta que o abriu, com a vantagem do positivo sobre uma esperanza.

O sol risonho deitava suas redes de prata sobre o Tejo, quando a Lisboa, vindos da brumosa Inglaterra, chegaram os duques de Connaught com suas filhas.

Estão sendo em Lisboa mais uns dias de festa. Accenderam a curiosidade boatos que por ahi correram fundamentados ou não, e, muito antes da hora do desembarque já o povo se accumulava, mal contido pela policia, nos arredores do arsenal.

De todas as festas a que, mal se annunciou, despertou maior interesse, foi a recita em inglez no theatro de D. Maria, desempenhando os papeis diferentes membros da colonia britannica em Lisboa, que queria fazer aos principes, no dia do desembarque, uma extraordinaria ovacão na rua Augusta, quando passassem em frente do *London and brazilian bank*. Mas as carruagens deram volta por outro lado. Caso identico se deu no dia seguinte, juntando-se, para vel-os muita gente no Campo Grande; e elles chegaram ao Campo Pequeno e d'ahi voltaram para o Paço.

O anno começou offerecendo assumpte de importancia para as ephemerides, que d'aqui a doze mezes serao pelos jornaes publicadas, para que o anno todo possa ser avaliado em seu conjunto, com o que o acaso ou as consequencias logicas dos factos collaborarem para classificar-o definitivamente.

A viagem dos duques de Connaught a Portugal deverá ser marcada, é de crer, com uma pedra branca. Não são as mais vulgares no mosaico que o tempo se vai divertindo a desenhar.

Revendendo nos jornaes as ephemerides do anno passado, entre factos indifferentes ou que os poucos mezes decorridos assim tornaram, por um ou outro cuja lembrança ainda nos traz uma alegria, quantas guerras, revoluções, desastres, mortes, nos vêm acordar tristezas!

E uma, e muito intensa em quantos tiveram a

dita de conhecer esse que foi um verdadeiro gentil homem, não despertará a lembrança da morte do Conde do Sobral, fallecido ha meia duzia de dias, em casa de seu genro, D. Vasco da Camara, em Carcavellos!

Opulento lavrador em Almeirim, tendo para a



CONDE DE SOBRAL

historica villa transferido a sua casa, era nos trabalhos do campo que exercia toda a sua actividade. Proprietario da mais excellente caudellaria de Portugal, foi dos mais energicos introductores do sport das corridas em Portugal e Hespanha, tendo muitas vezes, n'este ultimo paiz, obtido victoria contra cavallos das mais reputadas raças hespanholas. Pelo melhoramento das raças cavallares lutou com paizao e superior intelligencia. Não o favoreceu o meio, e teve de abandonar alguns de seus mais arreigados ideaes.

Estimadissimo de quantos o conheciam, foi sua morte sentidissima. Era um homem de bem em toda a extensão da palavra, de distincção rara, de trato finissimo, inspirando, logo no primeiro momento a mais profunda sympathia.

E' uma cruz negra para as ephemerides futuras. Mas se de Portugal sairmos, quantas vamos encontrar! Não haveria madeira negra em Porto Arthur para marcar o sitio de cada cadaver de russo ou de japonex.

Foi a praça tomada finalmente depois d'uma hecatombe sem exemplo! Chega a horrorisar a bravura com que foi atacada e defendida. Alguem disse que era preciso inventar um termo novo para definir o que exaltava os espiritos áquelle ponto, porque era de pouco valor a palavra *coragem*. Houve generaes russos que levaram o sacrificio até morrerem de fome, e mais de cincoenta mil japonezes junto d'aquellas muralhas amontoaram seus cadaveres.

Nunca no mundo se fez capitulação mais honrosa. Assim ella fosse o termo dos morticínios barbaros. Parece que não; a Russia ainda continua pensando na desforra, na victoria que julga certissima, quando o general Kuropatchine houver recebido todos os reforços que preparam para seu exercito.

Já cançam noticias tristes vindas do extremo oriente; quizera a gente volver os olhos para mais atrahente quadro e, voltando ao nosso paiz, ainda se nos depara o quadro tragico d'aquelle soldado de infantaria 16, que, de noite, no quartel, assassinou o cabo, na occasião em que este o ia render por outra sentinella.

A paz, a doce paz, onde por ora a encontramos, muito fóra do costume, é na politica portugueza. Quando fór das eleições talvez já assim não continue.

Diz-se que El-rei já concedeu ao sr. Presidente do Conselho a faculdade de propôr os pares que hão de preencher as vagas existentes na respectiva camara. Serão nomeados, segundo informam os jornaes, os srs: José de Alpoim, Espregueira e Villaca, actualmente ministros, e os srs. Veiga Beirão, Ressano Garcia, Vieira de Castro, Albano de Mello, Pocos Falcao, João Pinto dos Santos, Francisco José Machado e Alexandre Cabral Paes do Amaral.

As camaras foram addiadas, e não pequeno espanto havia de ser os das repartições quando,

este anno, em 2 de janeiro, viram suas portas escancaradas para receber os empregados.

Devem abrir as novas camaras em abril, e então a pacatez d'estes dias será substituida talvez por vivas discussões, sendo a principal motivada pela rivalidade entre as duas poderosas companhias dos fosforos e dos tabacos, que tantos e tão longos artigos tem inspirado aos mais lidos jornaes de Lisboa. Pudera! Se se trata de dinheiro! Comtante que os fosforos sejam melhores e não sejam peores os cigarros!.

Mas tudo isso ainda vem longe e por enquanto em socego podemos continuar gozando d'estes dias extraordinarios com que nos vai favorecendo a brandura do céu de janeiro.

As noites muito frias não teem obstado a que os theatros se encham, até aquelles cujo repertorio mais tem sido combatido pela critica. Nos dias de festa todos elles tiveram enchenches colossaes. A ultima novidade foram os excellentes concertos no theatro D. Amelia, já este anno visitado por muitas celebridades estrangeiras.

Corre o inverno bem para todos os theatros. Assim o anno corra para toda a gente.

João da Camara.

MUSEU DE ARTILHARIA

Por diversas vezes nos temos referido a este estabelecimento do Estado, sendo a ultima por occasião da visita do Rei de Hespanha D. Alfonso XII, em o n.º 899 do OCCIDENTE, em que tratámos do Museu de Artilharia, que é uma das dependencias do Arsenal do Exercito.

Foi este edificio mandado construir pelo Marquez de Pombal em 1760, sendo ainda n'esse anno lançada a primeira pedra, e dando-se começo aos trabalhos que não soffreram interrupção até se concluir a obra.

O alvará de 24 de março de 1764 provê á criação d'este arsenal e á sua reforma, qun o decreto de 29 de junho de 1773 ainda mais ampliou.

Foi encarregado de dirigir os trabalhos o tenente general de artilharia, que estava ao serviço de El-Rei D. José, Fernando del Chegaray, mas no edificio foram feitos grandes melhoramentos pelo tenente-general Manuel Gomes de Carvalho, Bartholomeu da Costa e Amaro de Macedo.

Até 1834 não soffreu modificações sensiveis, porém, n'este anno o decreto de 1 de julho autorizou os novos melhoramentos e reformas feitas pelos inspectores, coronel Leão e os generaes barão de Monte Pedral e barão d'Ovar.

E' este arsenal vulgarmente conhecido pela *Fundição*, titulo que o povo adoptou para o distinguir do Arsenal de Marinha. Mas a verdadeira fundição chamada de *Cima*, e onde se fundem as peças de artilharia, é contigua ao palacio destinado á residencia do inspector.

São tambem dependencias do Arsenal do Exercito as ferrarias e o deposito dos reparos e petrechos concernentes á arma de artilharia estabelecidos no extremo do Campo de Santa Clara, e o laboratorio de fogos de artificio com sede em Santa Apolonia.

Foi o barão de Monte Pedral, quem, em 1842, deu principio á organização do Museu d'Artilharia; organização que foi sancionada pelo decreto que em 1851 novamente reformou o Arsenal do Exercito.

Em 1869, nova organização foi dada a este estabelecimento, passando o musen a estar a cargo do director da fabrica d'armas.

Em 1876 foi o musen transferido para o edificio da Calçada Nova, onde esteve installado o extincto collegio dos aprendizes do Arsenal do Exercito, sendo nomeado em 5 de outubro d'esse anno para seu director o capitão de artilharia sr. Eduardo Ernesto de Castelbranco, hoje general que ainda ao presente exerce o mesmo cargo.

Não podia ter recaído a nomeação em quem a desempenhasse com mais solicitude, zelo e bom criterio. O sr. Castelbranco dedicou-se com verdadeiro amor ao Museu d'Artilharia, e, graças á cultura do seu espirito, conhecimentos da historia militar, gosto pelas artes e amor patrio, elevou o Museu d'Artilharia a um dos primeiros, no genero, na Europa, trabalhando dia a dia, durante quasi trinta annos para chegar a tão lisongeiro resultado.

Em 1895 estando em grande parte deteriorado o edificio da Fundição de Baixo, onde o commando geral de artilharia estava installado, procedeu-se a um concerto radical, afim de obstar á completa ruina do edificio. Tratou-se primeiro

da parte antiga e depois da sua ampliação até ao largo dos Caminhos de Ferro.

Em outubro de 1896 começou a instalação das repartições do commando geral de artilharia no rez do chão do edificio, sendo o andar nobre e o pateo da Fundação de Baixo destinado ao Museu de Artilharia.

Em 1900 foi auctorizada a criação de novos recursos para com elles se fazer uma frente para o largo dos Caminhos de Ferro.

As instalações do museu são notaveis pelas magnificas obras de talha, estatuas e quadros de auctores portuguezes em que figuram os nomes de Columbano e Bruno José do Valle.

Bruno tem ali bellas copias de Lebrun, tiradas dos quadros d'este auctor que existem no palacio de Versailles e allegoricos a factos da historia portugueza.

Columbano reproduz nos seus trabalhos feitos, militares das armas portuguezas em diferentes épocas e partes do mundo.

As restantes decorações do museu são feitas com diversos artigos do material de guerra.

O edificio do Arsenal do Exercito é de boa cantaria, sendo a fachada um bello trabalho de architectura. Adornam a porta columnas da ordem corinthia e monolithas, ficando superiores á janella principal as armas portuguezas e sendo o entablamento coroado de tropheus militares.

Ficam no pavimento superior os vastos armazens de arrecadação, que constituem o primeiro deposito.

O Arsenal do Exercito distingue-se como museu militar e como estabelecimento industrial.

Existem ali armas de todas as épocas, armaduras antigas e bocas de fogo, não só como specimens do trabalho de armaria e fundição de outras éras, mas como recordações historicas a que esses objectos estão ligados.

Como estabelecimento industrial podem admirar-se os trabalhos metallurgicos mais perfeitos do paiz, rivalizando muitos d'elles com os melhores do estrangeiro.

A secretaria, a contadoria, archivo e outras secções da inspecção geral do arsenal, estão installadas no andar superior do lado norte do corpo central.

No lado opposto estão as cinco importantes salas d'armas que compõem o museu de artilharia.

Sala Europa, primitivamente denominada do Príncipe e hoje da Rainha.

Tem ao fundo o retrato de D. Maria II n'um grande quadro pintado a oleo por Joaquim Raphael, professor da Academia de Bellas Artes. O quadro está no meio de um tropheu de bandeiras historicas.

No tecto figura um quadro de Bruno José do Valle, feito em 1762 e intitulado Aljubarrota.

A sala tem muita obra de talha, vendo-se as paredes revestidas de armeiros artisticamente dispostos, em que figuram bacarmates, carabinas, pistolas, espadas, armaduras, umas empunhando lanças e outras espadas.

Sala Africa, denominada D. José I, tem um magnifico quadro com o retrato d'este monarcha.

Collocados entre os vãos das quatro portas estão outras tantas estatuas, representando o Valor a Fidelidade, Vulcano e Marte.

As portas são guarnecidas de lanças e a sala encerra 12:600 espingardas, 1:000 carabinas e outras tantas espadas para cavallaria.

Na decoração do tecto está o quadro Ceuta, com duas figuras, a Fama e a Victoria.

Sala Asia, denominada D. João V, tem um quadro com o retrato d'este soberano, collocado entre duas estatuas de madeira dourada, representando Minerva e Neptuneo.

As portas são também guarnecidas de lanças, figurando na sua ornamentação milhares de espingardas, carabinas e espadas.

O tecto é igualmente decorado com um quadro — Goa, onde se vê a figura primacial de Vasco da Gama, apontando no globo o seu itinerario, perto d'elle Affonso de Albuquerque, indica a figura de Gôa, por elle subjugada ao poder portuguez.

(Continúa)

R

SOCIEDADE DE MUSICA DE CAMARA

Pouco mais de dois annos de existencia conta esta Sociedade e são já de notar os beneficios que está prestando, promovendo o desenvolvimento do gosto pela boa musica, o que é, sem duvida, um dos elementos da civilização de um povo.

Lembra-nos ainda o tempo em que os raros

concertos, que uma ou outra vez se annunciavam, se distinguiam pela ausencia do publico, que, raras excepções, classificava de massada.

Passaram esses tempos, felizmente, e honra cabe aquelles que têm trabalhado, insistido, para vulgarisar o gosto da musica.

Pouco a pouco o publico tem-se ido habituando aos concertos, e hoje já ha um certo numero de amadores que vão concorrendo a elles, apreciando, discutindo e conhecendo a boa musica como a boa arte.

Os concertos da Sociedade de Musica de Camara, têm a melhor parte n'essa conquista, e um dos mais notaveis d'esses concertos foi o que se realizou em a noite de 7 do corrente, no salão do Conservatorio, com o concurso de tres notaveis artistas estrangeiros, Elsa Ruegger, Mathieu Crickboom e Arthur de Greef.

O programma foi escolhido: Beethoven, Max Bruch e Arensky; a execução primorosa.



ELSA RUEGGER

Elsa Ruegger executou no violoncello o *Kol Nidrei*, de Max Bruch, com sentimento e primor inextinguíveis. A sua fama vem de longe, apesar da artista ser bastante nova, 24 annos apenas e já uma professora.



MATHEU CRICKBOOM



ARTHUR GREEF

Nasceu na Suissa e estudou em Bruxellas. Aos onze annos já tocava em concertos e d'ahi seguiu sua carreira pelas principaes cidades da Europa, Strasburgo, Metz, Francfort, Berlim, Paris, S. Petersburgo, Londres e em toda a parte acolhida com enthusiasmo e applaudida com delirio.

Mathieu Crickboom tocou com extrema arte, a parte de violino na Sonata de Beethoven, op. 30, n.º 2, provando ser um violino de primeira ordem. Crickboom foi um discipulo laureado de Ysaye, no conservatorio de Bruxellas.

A sua carreira tem sido brilhante como professor e como concertista, nas principaes cidades da Europa, e desde 1896 que se estabeleceu em Barcelona, instado para tomar a direcção da Sociedade Catalana, uma academia de musica, dirigindo também a orchestra da Sociedade Philarmónica d'aquella cidade.

Arthur de Greef é um professor no piano, um fiel interprete da obra do compositor, o que não exclue o talento do executante. Mostrou bem essa qualidade no concerto, em que o ouvimos.

Nasceu em Louvain, a 2 de outubro de 1862 e é professor no conservatorio de Bruxellas.

Esse cargo official não o impede de fazer digressões artisticas pelas cidades da Europa, e assim tem estado em Paris, Colonia, Amsterdam, Madrid, Barcelona, etc., onde tem sido sempre applaudido.

Coube agora a Lisboa o poder applaudir estes tres notaveis artistas, que deram seus concertos no theatro D. Amelia e no salão do Conservatorio, onde tivemos o prazer de os ouvir.

A LENDA DAS GAIVOTAS

Esvoaçando sempre, soltando um canto maguado e triste, todo queixumes e melancholia, lá vae a pobre gaivota por sobre as glaucas aguas do mar, como que a procurar alguma coisa ignota, parecendo perscrutar os arcanos do profundo oceano...

Pobres aves marinhas!

Alli onde a vês, joven banhista, vae o mais alancendo coração d'uma mãe, entenebrecido pela mais cruenta viuvez e eternamente a chorar pelo seu filhinho morto.

A lenda attribue-lhe uma historia fabulosa que se diz ter succedido lá nos mythicos tempos antigos. Ell-a:

Alcyon tinha brotado de si um botão, loiro como um raio de sol, e rosado como as camelias.

O tenro infante tinha a casta ternura dos lyrios e a meiguice dos cherubins. Era a loucura de uma mãe e o idolo de um pae.

Para estes então corriam os dias serenos, á sombra de copados bosques, e no ar pareciam que brincavam as canções d'uma felicidade infinda.

Mas uma vez foi-lhes forçoso sulcar o mar traçoeiro como o bandido e incompreensível como esphinge.

Semelhante a uma gondola deslizando mansamente nas águas bonancosas d'um canal assim vogava a latina inflada, mar em fóra.

Mas de repente sopra o vento do tufão, e o fragil esquife, insufficiente para arrostar com todo o furor indomito da procella, tomba alli nas águas encapelladas.

Um grito cortante como a lamina d'um punhal retine por entre o fragor surdo dos elementos revoltos.

Era essa interjeição inanalysavel, era o grito d'uma mãe, presentindo a separação inevitavel e fatal do filho estremecido.

Depois, o mar, esse reprobato antigo, na sua furia insciente, arrojára á praia os corpos quasi exanimados dos infortunados paes; mas o filhito, oh! esse perdera-se para sempre nos abysmos insondaveis e mysteriosos do mar.

Assim que a infeliz mãe conhecera toda a enormidade da sua desgraça, enlouquecida pela dôr, ella vagueava incessantemente pela borda do mar á procura do filho morto.

No seu delirio subia aos rochedos, desgrenhada e em desalinho como o phantasma da desgraça, sempre n'um clamor constante e lucrimoso, até que os deuses, compadecidos por aquelle immenso infortunio, metamorphosearam-n'a em ave marinha, em gaivota.

Agora, joven banhista, sempre que vires uma gaivota a esvoaçar pela orla rendilhada da praia, acompanha um só momento em tua mente boa aquella dôr — a dôr suprema!

Povoa do Varzim.

P.

O monumento a Eduardo Coelho

O anno de 1904 terminou, se pode dizer, com uma justa homenagem! A inauguração do mo-

numento a Eduardo Coelho, strenuo propugnador dos principios associativos, da instrucção popular e fundador do *Diario de Noticias*

Não nos dá, o resumido espaço de um artigo, margem para dizermos tudo quanto se nos offerecia d'este vulto que já pertence á historia do jornalismo portuguez, nem da sua obra que foi digna d'um espirito forte e superior como era, embora a sua apparencia fosse modesta e simples,

como todos aquelles a quem a natureza dotou de verdadeiro valor.

Seriam precisos muitos artigos porque muito havia a dizer, mas felizmente, para as gerações que nos succederem, esse encargo já o tomara alguém, competentissimo pelos seus conhecimentos especiaes, pelo que muito sabe do homem e do jornalista, o sr. dr. Alfredo da Cunha, actual director e um dos proprietarios do *Diario de Noticias*, que ha annos publicou um livro que intitulou: *Eduardo Coelho a sua vida e a sua obra, alguns factos para a historia do jornalismo portuguez e contemporaneo*, agora reeditado para divulgar quanto possivel o conhecimento de uma vida exemplar e nobilissima, que deve constituir lição e estímulo para aquelles cujo coração e cujo espirito é missão formar para a virtude e educar para a honra e para o bem.

Justissima propaganda!

Eduardo Coelho nasceu em Coimbra a 22 de abril de 1835. Ainda muito novo foi-lhe cortada a educação pela morte do pae e veio para Lisboa com destino á carreira commercial, denunciando logo uma decidida vocação para as letras.

Alguns annos depois de estar em Lisboa publicou o *Livrinho dos Caixaeiros*, uma colleção de quadras, cuja edição se esgotou, passando a collaborar no *Jardim Litterario*, onde escreveu um romance *O pastor da floresta*, valendo isso o ser censurado pelo patríio, o que occasionou a sua saída do estabelecimento onde estava, encontrando-se aos 19 annos de idade sem eira nem beira, sózinho com as suas aspirações de poeta.

Foi então que aprendeu a arte de compositor typographico, e tendo por circumstancias da sorte n'esse apprendizado percorrido algumas typographias foi ter á de José Candido, na rua dos Douroadores, onde então se imprimia o jornal politico



GENERAL EDUARDO ERNESTO CASTELBRANCO
DIRECTOR DO MUSEU D'ARTILHARIA



SALA D. MARIA II



SALA D. AFFONSO D'ALBUQUERQUE

Photographias do sr. A. Bobone

O Museu d'Artilharia

O Parlamento, que advogava a política conservadora do Conde de Thomar, de que era redactor principal Luiz de Vasconcellos Azevedo e Silva, e onde Eduardo Coelho começou desempenhando alguns serviços na redacção.

Em 1857 foi admettido na Imprensa Nacional, como official compositor.

Desde 1858 Eduardo Coelho viveu exclusivamente do trabalho litterario, soffrendo durante sete ou oito annos, até á plena accettazione do seu jornal, a pouca fortuna e as muitas privações que são geralmente companheiras inseparaveis de quem se dedica á carreira litteraria.

Tendo entrado para a redacção da *Revolução de Setembro* a prestar os seus serviços como noticiaria, foi d'alli que saiu para inaugurar o seu jornal de sociedade com Thomaz Quintino Antunes em 1864.

O monumento a Eduardo Coelho foi inaugurado precisamente no dia em que o *Diario de Noticias* fazia 40 annos de existencia.

O n.º 1 do jornal sahio em 29 de Dezembro de 1864, sendo a primeira folha de 10 réis, e que foi apregoada nas ruas pelos rapazes ovariños.

O *Diario de Noticias* veio produzir uma verdadeira revolução no nosso mundo jornalístico, não só porque modificou os antigos moldes até então usados, mas porque, pela nova maneira de attrahir os leitores, despertava um maior e mais vivo interesse pelas letras.

Esse jornal noticioso, sem côr politica, morigerado e escrupoloso na escolha dos assumptos, usando linguagem simples, modesta e sem allusões pessoais, obtinha dentro em pouco grande preponderancia nas questões de governação publica, creando-se assim um poderoso propulsor do commercio e da industria.



EDUARDO COELHO
FUNDADOR DO «DIARIO DE NOTICIAS»

Ao *Diario de Noticias*, se deve a importancia dada ao serviço de informações ou de *reportagem* que implantou no paiz e onde constituiu então uma completa novidade. Igualmente se deve a este jornal o desenvolvimento do annuncio como intermediario de negocios, de offerta e de procura

e que hoje constitue o elemento de vitalidade quasi exclusivo de muitas empresas jornalisticas.

Com o primeiro numero do jornal começou a primeira supplica a favor dos pobres, ao mesmo tempo que a sua missão civilisadora se iniciava advogando a creação de institutos de ensino, de associações scientificas, defendendo enfim todas as ideias generosas e altruistas, com a dedicação e empenho de um amigo dos opprimidos e dos fracos.

Foi no dia 17 de janeiro de 1895 que se reuniu na sede da Associação de Soccorros mutuos Eduardo Coelho, a grande commissão para erguer-se um monumento ao prestigioso jornalista, de que era presidente honorario o conde de S. Marçal, e que elegeu segunda commissão executiva, assim composta:

Presidente: Conde de Valença.

Secretarios: Diogo Soromenho, presidente da mesa da assembleia geral da Associação de soccorros mutuos Eduardo Coelho; José da Assumpção Marques, secretario da direcção da mesma associação.

Thesoureiro: Pedro Wenceslau de Brito Aranha.

Vogaes: Dr. José Thomaz de Souza Martins, Jayme Arthur da Costa Pinto, João José de Souza Telles, Rodrigo Affonso Pequeto, Luiz Eugenio Leitão, A. J. Simões d'Almeida, Paul Platier, Guedes Quinhones e Alfredo Serrano.

D'esta commissão são já fallecidos o dr Souza Martins, José de Assumpção Marques, Sousa Telles e Alfredo Serrano.

Aberta a subscrição publica que, só por intermedio do *Diario de Noticias* attingio a verba necessaria para a obra, foi confiado o projecto do monumento a Alvaro Machado, dilecto filho do



MONUMENTO A EDUARDO COELHO, NA ALAMEDA DE S. PEDRO D'ALCANTARA, INAUGURADO EM 29 DE DEZEMBRO DE 1904

Photographia do sr. José Eduardo Coelho da Cunha

scenographo Eduardo Machado, artista de promettido futuro e já um architecto considerado.

A cargo de Costa Motta, esse genial artista da geração moderna, ficaram as esculturas do monumento.

E' d'elle o busto de Eduardo Coelho e do rapaz dos jornaes, como d'elle tambem é a estatua de Affonso de Albuquerque erecta na praça de D. Fernando em Belem, a de Sousa Martins, etc.

A inauguração do monumento a Eduardo Coelho foi uma festa sympathica que attrahio grande concurso de povo, achando-se representado o governo pelos srs. ministros do reino e das obras publicas; a Camara Municipal de Lisboa, pelo presidente do municipio sr. conselheiro Antonio Castello Branco, e representantes de muitas associações, e da imprensa de Lisboa, Porto e outras terras do reino.

Discursaram varios oradores, principiando pelo digno Par. do Reino sr. Conde de Valençã, presidente da commissão executiva e o que mais concorreu para o monumento ao seu conterraneo e amigo. Seguiu-se o digno presidente da Camara Municipal de Lisboa; conselheiro Ferreira do Amaral, por parte da Sociedade de Geographia; dr. Magalhães Lima; Mello e Sousa; Adolpho Telles; Bento Carqueja; Brito Aranha; Eduardo Coelho, filho; e o dr. Alfredo da Cunha, em nome da empresa do *Diario de Noticias*, que historiou a vida do fundador d'aquelle jornal, terminando por dizer que dois eram os mo-



CONDE DE VALENÇÃ

Presidente da Comissão Executiva

numentos que ficavam de Eduardo Coelho: o que ali se inaugurava de pedra e bronze, e o *Diario de Noticias* que mais attestava a valia do seu fundador.

Todo o trabalho de cantaria foi executado nas



BRITO ARANHA

Thesoureiro da Comissão Executiva

officinas de A. Moreira Rato, Filhos, os canteiros portuguezes que podem ser apontados como mais habéis na arte que exercem.

Nas suas officinas se executou tambem o monumento a Affonso d'Albuquerque.

Os trabalhos em bronze foram entregues á



DR. ALFREDO DA CUNHA

fundição de canhões do Arsenal do Exercito, hoje sob a direcção do sr. coronel Mathias Nunes, um dos officiaes mais distinctos da arma de artilheria e cuja sciencia e conhecimentos especiaes têm sido provados, não só em muitas commissões de serviço relativas á sua arma, como na organização dos trabalhos nas officinas d'aquelle estabelecimento do Estado, confiadas á sua direcção technica superior.

No dia da inauguração do monumento foi tambem collocado na sala da redacção do *Diario de Noticias*, o medalhão de Baptista Borges, escultura de J. Moreira Rato.

Foi uma divida de gratidão que a empresa do jornal pagou áquelle trabalhador dedicado, um verdadeiro filho adoptivo de Eduardo Coelho, e tambem um zeloso empregado do jornal que bastantes sacrificios ficou devendo á sua inextinguivel dedicação, pela obra do seu mestre, protector e amigo.

A esta homenagem por Lisboa, prestada a Eduardo Coelho, associou-se tambem Coimbra, a terra natal do distincto jornalista, sendo em fins de dezembro collocada uma lapide na casa onde elle nascera na rua dos Sapateiros, e dando a camara a essa rua o nome do fundador do *Diario de Noticias*.

Essa lapide foi executada nas officinas do distincto artista conimbricense, João Machado, e representa um numero dobrado do *Diario de Noticias* seguro entre digitações de uma palma e contendo a seguinte inscripção:

N'ESTA CASA NASCEU EM 22 DE ABRIL 1835
JOSÉ EDUARDO COELHO
FUNDADOR DO DIARIO DE NOTICIAS
BENEMERITO DA IMPRENSA POPULAR, O QUAL
FALLECEU EM LISBOA, EM 14 DE MAIO
DE 1889

A FAIXA SARAPINTADA

POE

Conan Doyle

Ao percorrer as minhas notas referentes aos setenta casos curiosos, em cujos tramites levei oito annos a estudar o modo de proceder do meu amigo Sherlock Holmes, encontro muitos de caracter tragico, alguns de caracter comico, e avultado numero delles simplesmente extravagantes; mas não ha um unico que seja banal, o que se explica pelo facto de, trabalhando elle mais por amor da arte do que com o fito em ganhar dinheiro, jámais encetar um inquerito que não apresentasse vislumbres de estrambotico e de phantastico, até. Entre tantos e tão diversos ca-

sos, nenhum encontro, porém, apresentando mais originalidade do que aquelle que diz respeito a uma familia muito conhecida no condado de Surrey: os Roylotts de Stoke-Moran.

Os acontecimentos que acabo de relatar deslizarão nos primordios da minha intimidade com Holmes, á data em que, celibatarios um e outro, moravamos juntos, em Baker Street. Tê-lo-ja, talvez, publicado ha mais tempo, a não haver promettido guardar segredo, e fui apenas desonerado da minha palavra o mês passado, pela morte inesperada d'aquelle a quem a deo. E' chegado o ensejo de tornar conhecidos semelhantes factos, visto como de sciencia certa vim a saber, o haverem-se espalhado acerca da morte do doutor Grimesby Roylett certos boatos, que concorriam a tornar ainda mais grave o negocio do que na realidade o foi.

Ahi pelos principios do mês de abril de 1883, acordando eu uma manhã, eis se me depára Sherlock Holmes, vestido e pronto, junto do meu leito.

Não era madrugador, por habito, e como o relógio de cima do fogão accusasse apenas seis horas e um quarto, mirei-o com tal qual surpresa, e uma pontinha de rabujice, pelo facto de me ter vindo cortar o somno, a mim, homem maniaco.

«Sinto deveras acordar-te, Watson, proferiu, mas é sorte commum a todos esta manhã; mrs. Hudson deu o almiré e, obrigado a sair da cama abruptamente, vingou-se na minha pessoa, e eu, na tua.

— Que aconteceu então? Ha fogo?

— Não, mas apresentou-se em minha casa uma rapariga, muito afflicta, e insiste em me fallar. Está á espera na sala.

Ora, quando uma rapariga anda a correr as ruas da metropole a estas horas, obrigando a erguer da cama pessoas que ainda estão com somno, dahi concluo que terá caso urgente a transmitir-me. Se por ventura nos trouxer negocio importante e merecendo ser estudado, estou certo de que quererás acompanhá-lo desde o principio. Occorreu-me, pois, acordar-te, afim de que não percas tão bom ensejo.

— «Desgostar-me-ia sobremodo deixá-lo escapar, meu caro.»

Nada havia que mais me apaixonasse do que era o seguir a Holmes nas suas investigações profissionais, admirar-lhe as deducções rapidas, e tão intuitivas quanto rapidas, mediante as quaes desvendava os problemas que lhe eram submettidos. Vesti-me, pois, a toda a pressa, e, volvidos minutos fui ter com elle á sala.

Encontrámo-nos em presença de uma senhora, trajando de preto, tapado o rosto com um denso veu; assim que nos viu, ergueu-se da cadeira em que se assentára, ao pé da janella.

«Muito bom dia, minha senhora, proferiu Holmes, em tom cordeal. Sherlock Holmes é o meu nome, e este cavalheiro é o doutor Watson, meu intimo amigo, e meu socio, em cuja presença pode falar tão desasombradamente como se houvesse vindo encontrar-me sósinho.

Ora ainda bem! Estimo vêr que mrs. Hudson teve a optima lembrança de acender o lume. Tenha a bondade de se approximar, vou-lhe mandar vir uma chavena de café bem quente, pois vejo que está tiritando com frio.

— Não é o frio que me faz tremer, emitiu em voz baixa a dama, mudando de logar.

— Porque é, então?

— E' de medo, senhor Holmes, direi, até, de pavor.

Dito isto, ergueu o veu, e verificámos achar-se effectivamente em estado de afflicção deveras lastimoso: contrahidas as feições do rosto, livida a cutis, os olhos irrequietos, espantados, asaranpatados como os de uma fera accorada. O seu todo era o de uma mulher de trinta annos, mas com o cabello prematuramente grisalho, e uma expressão de extremo cansaço.

Tudo isto observou Sherlock com um daqueles seus olhares rapidos e penetrantes.

— Não se assuste, proferiu em tom carinhoso, debruçando-se sobre ella e tocando-lhe no braço; estou certo de que vamos esclarecer rapidamente o seu caso. Affigura-se-me que terá vindo no comboio.

— Conhece-me, porventura?

— Não, mas estou-lhe vendo o bilhete de ida e volta na luva da mão esquerda. Calculo que partiria de madrugada e que fez jornada um tan-

to longa em *dog-cart*, por pessimo caminho, antes de alcançar a estação.

Sobresaltou-se a dama, e, estupefacta, fitou os olhos no meu companheiro.

— Não é nenhum misterio, minha querida senhora, disse sorrindo. A manga esquerda do seu casaco está salpicada de lama em sete pontos diversos; e as manchas ainda estão frescas; para salpicar alguém a esse ponto não ha como um *dog-cart*; e muito mais indo esse alguém sentado á esquerda do cocheiro.

— Seja qual for o seu methodo de raciocinar, acertou, obtemperou a dama. Sai de casa antes das seis horas, cheguei a Leatherhead ás seis e vinte, a Waterloo no primeiro comboio. Ah! senhor, senhor, não posso mais! Se isto assim continúa, dou em doida! Não tenho uma unica pessoa para quem possa appellar, ninguém, absolutamente, e a unica que por mim se interessa, um rapaz, apenas me poderá prestar fraquissimo auxilio. Ouvi fallar no senhor Holmes, contou-me mr. Farintosh que o senhor lhe tinha valido em circumstancias de singular apuro. Foi elle quem me ensinou a sua morada.

Ah! senhor Holmes, cre que poderá valer-me, a mim também, ou, sequer ao menos, lançar uma luz no chãos em que me vejo envolvida? Actualmente, não me acho em circumstancias de remunerar os seus serviços, mas, dentro em um ou dois meses, estarei casada, e poderei dispôr do que é meu, e verá então que não sou nenhuma ingrata.

Holmes voltou-se para a papeleira, sacou de uma carteira e pôs-se a folheá-la.

«Farintosh, proferiu: Ah! sim, lembro-me desse caso; era a proposito de uma tiara de opalas. Creio que ainda não é do teu tempo, Watson. Posso affirmar-lhe, minha senhora, que me dou por feliz consagrando-me ao seu negocio, tal qual me consagrei ao da sua amiga. Não falemos em retribuição, por quem é, a minha profissão implica a propria recompensa; concedo-lhe plena liberdade de me embolsar das despesas que poderão suscitar-se, quando e como lhe convenha.

E agora, rogo-lhe que queira expôr-me o seu negocio, sem omissão do minimo pormenor que possa elucidar-nos.

— Valha-me Deus! retorquiu a visitante, o horror da minha situação provem de serem tão vagos os meus receios e as minhas suspeitas assentes em bases tão fracas, direi até, tão pueris, que esse proprio a quem me assiste o direito de pedir auxilio e conselho os considera como fructos da imaginação de mulher nervosa.

Não que elle o diga, eu, porém, adivinho-o pelas suas respostas confortativas e pela compaixão que lhe lia nos olhos. Disseram-me, porém, sr. Holmes, que o senhor sabia ler no mais intimo do humano coração; talvez possa dar-me um conselho em presença dos perigos porque me vejo ameaçada.

— Todo eu sou attenção, minha senhora.

— Chamo-me Helena Stoner, e vivo em companhia de meu padrastrô, ultima vergonte de uma das mais antigas familias saxonas da Inglaterra, os Royslotts de Stoke-Moran, familia estabelecida nos confins occidentaes do condado de Surrey.

Holmes agitou com a cabeça:

— E'-me familiar o appellido, proferiu.

— A dita familia foi, em um dado momento, uma das mais ricas da Inglaterra, e os seus bens protrahiam-se até ao Berkshire, para a banda do norte, e até ao Hampshire, para a banda do poente. E, todavia, no seculo passado, succederam-se quatro gerações de prodigos e de devassos, e o descalabro da casa vieram consumá-lo, durante a regencia, os desmandos de um jogador. Ficaram sem um palmo de terra, salvo umas poucas geiras de terreno e a casa de residencia, contando mais de duzentos annos, e essa mesmo acha-se hypothecada, tanto quanto o pôde estar. O ultimo possuidor para ali arrastou o viver miserando de fidalgo arruinado; o filho unico do sobredito, meu padrastrô, teve, porém, a consciencia de que era urgente dar alguma volta á sua vida, por intervenção de um parente alcançou da universidade de Harrow um adiantamento, o sufficiente para se transferir a Calcuttá, e ali, graças á sua aptidão professional e força de vontade, logrou reunir uma excellente clientella. Num impeto de colera, motivado por um roubo perpetrado em sua casa, matou o seu proprio mordomo indio, e por pouco que não foi condemnado á pena ultima. Esteve preso uns annos e regressou a Inglaterra, sombrio e azedado de genio.

O doutor Royslott, durante a sua permanencia na India, havia desposado minha mãe, mistress

Stoner, viuva ainda joven do major general Stoner, da artilharia de Bengala.

Minha irmã Julia e eu eramos gêmeas e contávamos apenas dois annos, quando se celebrou o segundo matrimonio de minha mãe. Esta, era rica, tinha de renda mil libras esterlinas, e legou a sua riqueza ao doutor Royslott, afim de que elle nos conservasse em sua companhia e com a condição de, dado que viesse a casar outra vez, nos constituir, a cada uma, um rendimento cuja quantia ella propria estipulou. Pouco tempo depois de havermos regressado á Inglaterra, falleceu minha mãe, victima de um accidente em caminho de ferro, nas proximidades de Creeve, haverá uns oito annos. A datar desse momento, o doutor Royslott não empregou o minimo esforço no sentido de reunir clientella em Londres, e levou-nos consigo para o seu velho casarão em Stoke-Moran. Os haveres que deixara minha mãe chegavam e sobejavam para supprir as nossas urgencias, e coisa alguma d'este mundo parecia vir impêcer o nosso bem estar.

De subito, porém, o genio de meu padrastrô começou a apresentar terrivel alteração. Em vez de attrair amigos e de permutar visitas com as pessoas da vizinhança, que viam com satisfação estabelecido novamente na veneranda residencia familiar um Royslott de Stoke-Moran, encerrou-se em casa, e apenas sabia, para alterar ferinamente com toda e qualquer pessoa que encontrava pelo caminho. Uma violencia de genio, vizinha da loucura, era aliás caso hereditario entre os varões da sua familia, e em meu padrastrô uma tal disposição fora, segundo julgo, aggravada pela sua demorada permanencia em um clima tropical.

(Continúa)

M. Macedo.

O MEZ METEOROLOGICO

Dezembro, 1904

Barometro. — Maxima altura — 776^{mm},2 em 30.

" — Minima " — 758^{mm},4 em 24.

Thermometro. — Maxima 16[°],7 em 6.

" — Minima 4[°],1 em 1.

Excepto em 1 e 2 (Min. 4,1 e 6,0 — Max. 9,4 e 12,2), a temperatura conservou-se muito elevada, em relação á época invernos. Os maximos superiores a 15[°], foram registados nos dias 3 a 9, 12 a 15, 18, 23 a 27 e em 31. — O anno de 1904 fechou com um dia muito quente, e em que a maxima á sombra, foi de 16[°],4 chegando ao sol, a atingir mais de 25[°]. Os minimos também foram elevados: Excederam 10[°], nos seguintes dias: 4 a 15 e 23 a 27.

Ventos dominantes. — NE em 1, NW até 4; SW de 5 a 15, NE de 15 a 24, SW em 26 e 27, NW em 28 e N até 31.

Chuva. — 68^{mm},1 divididos em 20 dias (1, 2, 3, 5 a 11, 15 a 18, 22 a 27).

Nebulosidade. — Tempo encoberto 4 dias.

" " nublado 22 "

" " pouco nublado 1 dia.

" " Algumas nuvens 3 dias.

" " Limpo 1 dia.

Nevoeiro em 3, 16, 17 e 28.

Trovoada e granizo em 25.

Relampagos em 26.

NECROLOGIA

CORONEL XAVIER MACHADO

Foi no dia 25 de Dezembro ultimo, que falleceu na villa de Cascaes, o coronel Joaquim Emygdio Xavier Machado, official distinctissimo do exercito portuguez, que deixa o seu nome vinculado a trabalhos importantes de estudos e criticas militares em que se notabilisou.

Soldado e homem de letras, dedicou o melhor da sua existencia á litteratura militar e o seu livro intitulado *O Sonho de José Monk*, levantou grande polemica dentro e fóra do paiz onde foi considerado como uma provocação de guerra. No entanto esse livro não era mais do que uma hypothese militar que se estudava para a organização das forças militares do paiz e sua defeza.

O espirito altamente patriótico de Xavier Ma-

chado levou-o a esses estudos, pois tinha para si que não podia regenerar-se a sua patria sem uma organização militar solida e que podesse garantir a autonomia de Portugal.



CORONEL XAVIER MACHADO

Xavier Machado serviu na commissão geodesica e desempenhou outras commissões militares entre ellas a de major de cavallaria n.º 2; official ás ordens de S. A. O Infante D. Augusto que acompanhou á India na expedição militar que ali foi sob o commando de Sua Alteza.

Por morte do Senhor Infante passou Xavier Machado a fazer parte da Casa militar d'El-Rei, sendo muito considerado e apreciados os seus meritos de militar brioso, disciplinador e illustradissimo.

CONDE DE S. MIGUEL

O illustre titular, fallecido em 26 de dezembro no seu palacete do largo do Salvador, descendia não só de uma das familias mais illustres de Portugal, mas esteve ligado por laços de parentesco com a nossa primeira nobreza, em virtude do seu casamento com a sr.ª D. Marianna de Noronha e Brito, filha e representante dos ultimos condes dos Arcos, aos quaes também pertencia o titulo de conde de S. Miguel.

Nascera em Coimbra a 7 de maio de 1842, nos paços da Universidade, onde então exercia o cargo de Reitor seu bisavô, conde de Terena e mais tarde marquez.

Seu pae, o major de artilharia Francisco Brandão de Mello, era filho dos 2.ºs condes de Terena e de D. Maria da Natividade Guedes de Portugal e Menezes, filha dos condes da Costa.

Formado em direito pela Universidade de Coimbra e habilitado com o curso administrativo, seguiu a carreira diplomatica, sendo nomeado addido á legação em S. Petersburgo em 1868, passando á legação de Bruxellas no anno seguinte, onde serviu como encarregado de negocios até ao fim do mesmo anno, em que foi transferido para Roma e ahi promovido a 2.º secretario de legação.

N'esta qualidade serviu na legação de Vienna d'Austria, para onde foi em 1872, e de lá sahio para voltar em 1874, sendo em 1878 nomeado ministro de Portugal em Berne e mais tarde em Hava.

Em 1886, por occasião do casamento de S. A. o Principe D. Carlos, foi chamado a desempenhar o lugar de veador de Sua Magestade a Rainha Senhora D. Maria Pia, ficando ao serviço da então Princeza Real Senhora D. Amelia.

Era grã cruz da Conceição; de Carlos III de Hespanha; de Sant'Anna da Russia; do Leão Noerlandez, dos Paizes Baixos; de Alberto da Saxonia, de S. Mauricio e S. Lazaro, etc.

Tinha também as commendas da Legião de Honra e de Christo; official de instrução publica de Franca; da ordem de S. Salvador da Grécia e cavalleiro da Torre e Espada

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Kalendario da Fabrica da Pampulha. — Entre os kalendarios que nos tem sido ultimamente offerecidos destaca-se sem duvida o publicado pelo sr. Eduardo Costa, intelligente industrial que tem elevado a sua fabrica de bolachas á maxima perfeição, que nada inveja aos productos similares estrangeiros.

E se no fabrico das mais finas bolachas e biscoitos o sr. Eduardo Costa tem posto os seus melhores cuidados, não menos bom gosto e esmero tem empregado na escolha e execução dos kalendarios que todos os annos offerece á sua numerosa clientella.

O kalendario d'este anno apresenta um quadro historico: D. Filippa de Vilhena, armando seus filhos para a guerra da restauração da patria. Uma bella composição, que toca o sentimento patriótico e levanta o espirito nacional.

Parabéns ao sr. Eduardo Costa pelo seu lindo kalendario.

Um processo nefando. — Minuta de revista do dr. Mascará, pelo dr. Alfredo Ansur. É uma questão juridica que só interessa aos especialistas *aggravado e agravante*. Conclue-se



CONDE DE S. MIGUEL

da minuta que houve *aggravos* de parte a parte, mas que tudo os tribunales liquidaram com a costumada justiça.

As Caixas ruraes agricolas, por Gomes dos Santos, prefaciado pelo sr. conde de Bertiandos. N'esse prefacio com a sua alta competencia, sua excellencia aprecia o livro e aprecia o auctor a quem faz as mais lisongueiras referencias ás suas qualidades de talento e de trabalho.

O sr. Gomes dos Santos «estuda no presente livro o modo de curar uma das mais asquerosas chagas do regimen capitalista—a uzura, limitando por agora a área da sua clinica á numerosa classe rural».

É um utilissimo serviço o que o sr. Gomes dos Santos veio prestar com o seu trabalho.

Lirios, por Euclides Costa. — São pequenas historias simples e ingenuas tal como os lirios na sua cor virginal. Fala-se ali de aldeas onde a igreja é o lar commum que aquece todos os casaes e o Vigario o Deus terrestre que acalenta todas as almas.

Publicado propositadamente por festa do Natal, é este volumeto um preludio d'este festival das creancinhas.

Passatempo. — Revista illustrada sob a direcção litteraria do distincto escriptor Antonio de Campos Junior. Publicou-se o n.º 102, do 4.º anno.

Henrique Bastos — Cirurgião dos hospitaes

DOENÇAS DOS RINS E APPARELHO GENITO-URINARIO

Exame endoscopico da urethra e bexiga.

Colheita de urina de cada um dos rins

CONSULTAS | Senhores — ás 10 horas da manhã
Homens — ás 2 e 4 da tarde

LISBOA — Largo da Annunciada, 9 — LISBOA

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.^a

Rua de S. Paulo, 216, 2.º — LISBOA

N.º telephónico 829

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

EMPRESA DE CARRUAGENS FIDELIDADE

Proprietario — JOÃO FILIPPE DA FONSECA JUNIOR

N.º TELEPHONICO 500

Aluga Coupés, Mylords, Caleches, Landaus e Clarences para todos os serviços.

Rua de S. Bento, 46 — LISBOA

E no ESTORIL, Parque do Ex.º Sr. José Vianna

PHOTOGRAPHIA FILLON

A mais antiga de Portugal

A. BOBONE

Pintor photographo de Suas Magestades e Altezas

Premiado em diversas exposições estrangeiras com o Grand Prix, 4 diplomas de honra

8 medalhas d'ouro e 2 de prata

Fazem-se retratos em todos os generos

Grande collecção de monumentos historicos, museus e academias do paiz

79, RUA SERPA PINTO, 87 (Chiado, junto da Igreja dos Martyres), Lisboa

LE DICTIONNAIRE

DES SIX LANGUES

Médaille à l'Exposition Universelle de Paris de 1900

Français, Allemand, Anglais, Espagnol, Italien et Portugais

Prix 25 francs ou 1 £

Editeur — Empresa do Occidente — Lisbonne — Portugal

ANTONIO DO COUTO — ALFAYATE

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900



Magnifico sortimento de fazendas nacionaes e estrangeiras



R. do Alecrim, 444, 1.º (á P. Luiz de Camões) — LISBOA



CONSULTORIO CIRURGICO DENTARIO

Gomes Costa

Cirurgião dentista especialista

Doenças da bocca e cor-^{da}das del^{la} nasas, clinica dentaria e collocação de dentes

Consultorio — Rua da Boa Vista, 164, 1.º

Caixa Geral de Depositos

e Instituições de Previdencia

Operações pela Caixa Geral de Depositos

Adeantamentos de juros de quaesquer titulos de divida publica que não estejam immobilizados perpetua ou temporariamente. — Empréstimos a curto praso sobre penhor dos mesmos titulos. — Empréstimos a corporações administrativas. — Desconto de lettras sacadas sobre o thesoureiro do ministerio da marinha. — Adeantamentos de vencimentos a funcionarios publicos e pensionistas do estado. — Operações em cje de subsidios devidos por lei e descriptos no orçamento geral do estado com encargo regular e effectivo do thesouro.

O juro, praso e demais condições das operações acima mencionadas serão determinados segundo as circumstancias do mercado.

Operações pela Caixa Economica Portuguesa

Depositos vencendo juros de 3,60 por cento ao anno capitalizados annualmente.

Os depositos podem-se elevar em cada anno até á quantia de 1:000,000 réis, não podendo, porém, cada depositante ter em deposito quantia superior a 3:000,000 réis.

Almanach illustrado do «Occidente»

PARA 1905

Sahiú a publico este magnifico annuario, e encontra-se á venda em todas as livrarias. A capa é um lindo chromo, reproduzindo um typo de mulher do Minho, de um bello effeito, aguarella de José Leite.

Preço 200 réis e 220 pelo correio

Recebem-se encomendas na

Empresa do OCCIDENTE — Lisboa